

# Apresentação da edição em português

**Carlos Walter Porto-Gonçalves\***

*A COLONIALIDADE DO SABER: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas Latino-americanas*, livro organizado por Edgardo Lander, é um marco nas ciências sociais. Tomo o cuidado de evitar dizer que se trata de um marco das ciências sociais *latino-americanas* para não reproduzir a geopolítica do conhecimento que, sob o eurocentrismo, caracteriza o conhecimento produzido fora dos centros hegemônicos e escrito em outras línguas não-hegemônicas como saberes locais ou regionais. É como se houvesse um saber atópico, um saber-de-lugar-nenhum, que se quer universal, e capaz de dizer quais saberes são locais ou regionais. Assim como cada um, de cada lugar do mundo, tem de assinalar em seu endereço eletrônico o país onde mora e de onde fala –.br (Brasil) ou .ve (Venezuela); ou .mx (México) ou .cu (Cuba) ou .ar (Argentina) ou .co (Colômbia) – aquele que fala a partir dos EUA não precisa apor .us ao seu endereço e, assim, é como se falasse de lugar-nenhum tornando familiar que cada qual se veja, sempre, de um lugar determinado, enquanto haveria aqueles que falam como se fossem do mundo e não de nenhuma parte específica. No Brasil, há o nordestino, o sulista e o nortista, mas não há o sudestino, nem o centro-oestista<sup>1</sup>. Afinal, o sudeste é o centro e, como tal, não é parte. É o todo! E a melhor dominação, sabemos, é aquela que, naturalizada, não aparece como tal. Já houve época em que se opôs o verbo à ação. Todavia, a palavra, se verbo, indica ação.

Não pense o leitor que irá encontrar aqui mais uma versão de um terceiro-mundismo que durante muito tempo comandou as análises críticas do pensamento social. Não, o leitor encontrará aqui uma refinada análise que sabe dialogar com o legado de conhecimento europeu, enquanto um legado que tem seu *topoi*, como diria Boaventura de Sousa Santos. Afinal, apesar dos europeus imporem seu capitalismo em toda parte, isso não quer dizer que sua episteme dê conta de toda a complexidade das distintas formações sociais que se constituíram em cada lugar e região do mundo nesse encontro, Etienne La Boétie chamou mal-encontro, da Europa com outros mundos a partir de 1492, sobretudo. Assim, se Immanuel Wallerstein nos falou de um sistema-mundo, Aníbal Quijano a partir de um outro lugar subalterno, nos conduzirá à idéia de um mundo moderno-colonial. Que o diálogo entre distintas matrizes de racionalidades e de distintos *topoi* possa se fazer nos mostram os próprios I. Wallerstein e A. Quijano quando, juntos, nos indicam a idéia de um sistema-mundo moderno-colonial, mais completa e mais complexa.

*A Colonialidade do Saber* nos revela, ainda, que, para além do legado de desigualdade e injustiça sociais profundos do colonialismo e do imperialismo, já assinalados pela teoria da dependência e outras, há um legado epistemológico do eurocentrismo que nos impede de compreender o mundo a partir do próprio mundo em que vivemos e das epistemes que lhes são próprias. Como nos disse Walter Mignolo, o fato de os gregos terem inventado o pensamento filosófico<sup>2</sup>, não quer dizer que tenham inventado O Pensamento. O pensamento está em todos os lugares onde os diferentes povos e suas culturas se desenvolveram e, assim, são múltiplas as epistemes com seus muitos mundos de vida. Há, assim, uma diversidade epistêmica que comporta todo o patrimônio da humanidade acerca da vida, das águas, da terra, do fogo, do ar, dos homens.

Aqui, nesse livro, a crítica ao eurocentrismo é uma crítica à sua *episteme* e à sua lógica que opera por separações sucessivas e reducionismos vários. Espaço e Tempo, Natureza e Sociedade entre tantas. Há, mesmo nos centros hegemônicos, aqueles que apontam esses limites e a própria ciência natural eurocêntrica revela seu diálogo com o pensamento oriental. Espaço e tempo é cada vez mais espaço/tempo e, nas ciências sociais, como aqui nesse livro é destacado, essa compreensão não-dicotômica nos permite ver que modernidade não é algo que surgiu na Europa e que, depois, se expandiria pelo mundo, como se houvesse na geografia mundial um *continuum* de diferentes tempos, como no seu evolucionismo unilinear. Entretanto, a Europa só se coloca como centro do Mundo a partir da descoberta da América posto que, até ali, só uma parte marginal da atual Europa, Norte da Itália e seus financistas, se integravam no centro dinâmico comercial do mundo e que os turcos, em 1453, haviam politicamente controlado quebrando aqueles circuitos. Até ali, ir no caminho certo era se orientar! No Oriente, se encontravam as chamadas grandes civilizações, inclusive, com suas religiões tradicionais e o peso da tradição era ali tão forte que, talvez, nos ajude a compreender o porquê da verdadeira obsessão pelo novo que caracterizará o eurocentrismo e suas sucessivas fugas para a frente. Ao fundamentalismo<sup>3</sup>

tradicionalista, o fundamentalismo do novo!

É essa visão eurocêntrica que nos impedirá de ver que não há um lugar ativo, a Europa, e lugares passivos, a América, por exemplo. Desde o início da primeira modernidade, sob hegemonia ibérica, que a colonialidade lhe é constitutiva. A América teve um papel protagônico, subalternizado é certo, sem o qual a Europa não teria acumulado toda a riqueza e poder que concentrou. Sublinhemos que a teoria da moderno-colonialidade ao ressaltar o papel protagônico subalternizado indica não um lugar menor da América e maior da Europa, como se poderia pensar nos marcos dicotomizantes do pensamento hegemônico. Ao contrário, assinala que há uma ordem geopolítica mundial que é conformada por uma clivagem estruturante moderno-colonial e que só pode ser compreendida a partir dessa tensão que a habita.

O eurocentrismo tem-nos impedido de ver que, aqui, na América, esse continente sem-nome próprio, ao contrário da Ásia e da África que se deram seus próprios nomes, é que se desenvolveram as primeiras manufaturas *modernas* (sic) com seus engenhos para produzir açúcar. Esses engenhos *modernos* (sic) eram movidos a chibata. Aqui, nesta América, se desenvolveram as primeiras cidades racionalmente planejadas, planejadas para dominar. *A cidade das letras* de Angel Rama. Foi aqui, nesta América que, pela primeira vez, como nos ensina Hanna Arendt, que a humanidade descobriu que a miséria humana não era natural e podia ser revertida pela ação humana. Assim, foi nesta América que o mundo ficou de cabeça para baixo –*The world upside down*– como diz o título da música tocada em Yorktown na cerimônia que pôs fim à Guerra de Independência estadunidense, inaugurando, ali, uma nova página na geografia política mundial, quando o poderoso império britânico viu-se humilhado por um improvisado exército de colonos, com uma boa ajuda francesa, diga-se de passagem. Foi nesse mesmo continente que, em 1804, pela primeira vez, tentou-se uma dupla emancipação, página ainda aberta na geografia política mundial, em que os negros do Haiti tentaram se emancipar, ao mesmo tempo, da França e dos brancos donos de *plantations* naquela que, até então, era a mais rica colônia francesa. Ao contrário dos livros de história que, eurocentricamente, falam da história da liberdade a partir da Revolução Francesa ou da Revolução Americana ou, ainda, dos pressupostos do Iluminismo, foi no Haiti que, pela primeira vez, tentou-se a liberdade para todos, independentemente de se ser branco e europeu. Thomas Jefferson e Napoleão, assim como toda a elite crioula na América, tiveram tanto medo do haitianismo como, mais tarde, seus descendentes teriam do comunismo. Se tanta festa se fez, em 1992, para comemorar os 500 anos do 12 de outubro de 1492; em 1976, os 200 anos do 4 de julho de 1776 e, em 1989, os 200 anos do 14 de julho de 1789, os 200 anos do 1804 haitiano passou sem comemoração. Ou, pior, ali estavam, em 2004, as tropas estadunidenses para, com o apoio da França e do Canadá, aplicar um *coup d'etat* de velho estilo, apeando do poder o presidente eleito na terra de Toussant de L'Overture. Talvez seja por isso que as populações originárias de *nuestra América* venham, hoje, comemorando não mais o 12 de outubro mas, sim, o 11 de outubro, o seu o último dia de liberdade! Outros marcos, outras marcas. Descolonização do pensamento.

Aníbal Quijano numa assertiva antológica nos dá a chave de nossa formação específica no contexto do sistema-mundo moderno-colonial: na América Latina o fim do colonialismo não significou o fim da colonialidade. Pablo González-Casanova já havia nos alertado, também para o colonialismo interno não no sentido econômico, mas num sentido muito próximo ao de Quijano e que nos ajuda a entender por que, na crise do estado que hoje nos acompanha, emergem os indígenas, os afrodescendentes, os camponeses e o indigenato, como Darcy Ribeiro (1986) nomeava o campesinato etnicamente diferenciado entre nós.

*A Colonialidade do Saber*, ao recuperar a simultaneidade dos diferentes lugares na conformação de nosso mundo: abre espaço para que múltiplas epistemes dialoguem. Em *nuestra América* mais que hibridismos há que se reconhecer que há pensamentos que aprenderam a viver *entre* lógicas distintas, a se mover *entre* diferentes códigos e, por isso, mais que multiculturalismo sinaliza para interculturalidades (S. R. Cucicanqui e C. Walsh, entre muitas e muitos), para gnosés liminares (Mignolo), para diálogo de saberes (Leff, Porto-Gonçalves).

Estamos, pois, diante de um grande livro que nos abre amplas perspectivas teóricas (e políticas) para entender complexos processos, muitos dos quais postos em marcha por vários movimentos sociais que tomam a nossa paisagem. Não que tenhamos aqui intelectuais dos movimentos. O que temos aqui são intelectuais que põem em xeque, também, o lugar dos intelectuais e, assim, são intelectuais em movimento. Abrem-se aqui boas pistas para que os intelectuais se encontrem com a vida e, quem sabe assim, nos ajudem a reinventar a pólis, ou melhor, a plaza.

## Bibliografia

- Arendt, Hanna 1971 *Sobre a Revolução* (Lisboa: Moraes Ed.).
- Arendt, Hanna 1995 *A Condição Humana* (Rio de Janeiro: Forense Universitária).
- Assies, Willem 2000 "La oficialización de lo no oficial: ¿Re-encuentro de dos mundos?". Curso Identidad, autonomía y derechos indígenas: Desafíos para el tercer Milenio, Arica, Chile.
- Chiapas 2001 (México: UNAM/ERA) Nº 11.
- Cusicanqui, Silvia Rivera 1990 "El potencial epistemológico y teórico de la historia oral: de la lógica instrumental a la descolonización de la historia" em *Temas Sociales* (La Paz) Nº 11.
- Fals Borda, Orlando (org.) 1998 *Participación popular: retos del futuro* (Bogotá: ICFES/IEPRI/COLCIENCIAS).
- Lander, Edgardo (org.) 2000 *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas* (Buenos Aires: CLACSO/UNESCO).
- Leff, Enrique 2005 *Racionalidad Ambiental: la reapropiación social de la naturaleza* (México: Siglo XXI).
- Mignolo, Walter 2003 *Histórias Locais/Projetos Globais* (Belo Horizonte: UFMG).
- Porto-Gonçalves, Carlos Walter 2000 "Para além da crítica aos paradigmas em crise: diálogo entre diferentes matrizes de racionalidade". Anais do III Encontro Iberoamericano de Educação Ambiental, Caracas.
- Porto-Gonçalves, Carlos Walter 2001 *Geografias, movimentos sociais, novas territorialidades y sustentabilidad* (México: Siglo XXI).
- Quijano, Aníbal 2000 "Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina" em Lander, Edgardo (org.) *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas* (Buenos Aires: CLACSO/UNESCO).
- Quijano, Aníbal 2004 "El laberinto de América Latina. ¿Hay otras salidas?" em OSAL (Buenos Aires: CLACSO) Nº 13, enero-abril.
- Rama, Ángel 1985 *A Cidade das Letras* (São Paulo: Ed. Brasiliense).
- Ribeiro, Darcy 1986 *América Latina: A Pátria Grande* (Rio de Janeiro: Ed. Guanabara).
- Santos, Boaventura de Sousa (org.) 2002a *Democratizar a democracia: os caminhos da democracia participativa* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira).
- Santos, Boaventura de Sousa (org.) 2002b *Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira).
- Santos, Boaventura de Sousa (org.) 2003 *Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira).
- Wallerstein, Immanuel 1998a "El espacio tiempo como base del conocimiento" em Fals Borda, Orlando (org.) *Participación popular: retos del futuro* (Bogotá: ICFES/IEPRI/COLCIENCIAS).
- Wallerstein, Immanuel 1998b *Impensar las ciencias sociales* (México: Siglo XXI).
- Walsh, C. 2002 "Interculturalidad, reformas constitucionales y pluralismo jurídico" em Boletín ICCI-RIMAI (Quito) Año 4, Nº 36, março. Publicação mensal do Instituto Científico de Culturas Indígenas.

## Notas

\* Carlos Walter Porto-Gonçalves é Professor do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense, membro do Grupo de Trabalho 'Hegemonias e Emancipações' do Clacso e, em 2004, recebeu o Prêmio Nacional de Ciência e Tecnologia –Prêmio Chico Mendes– do Ministério do Meio Ambiente.

1 Referente à região Centro-Oeste, hoje dominada pelos grandes capitais (agronegócio, sobretudo) e, portanto, extensão do Centro.

2 Aliás, os gregos tiveram seu legado guardado durante muito tempo numa biblioteca no Egito, em Alexandria e, só na geografia

construída a partir da moderno-colonialidade, a Grécia passou a ser considerada berço da civilização *Ocidental*. Fernando Coronil nos dirá, ainda, que Aristóteles só chegou a Paris no século XII e, mesmo assim, a partir de uma tradução feita em Toledo, atual Espanha.

3 Umberto Eco chama fundamentalista aquela idéia que não precisa ser argumentada, é fundamento. Assim, o novo é bom porque é novo e, por obra desse raciocínio tautológico que nos é imposto, o velho é ruim porque é velho. Não se precisa entrar no mérito o novo é consagrado e o velho demonizado!